

TOMO XLVII
N.º 277

SELEÇÕES

do Reader's Digest

FEVEREIRO
de 1965

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1965 da Editora Ypiranga S. A.



ABBIE BLAIR

UMA FAMÍLIA PARA FREDDIE

LEMBRO-ME da primeira vez em que vi Freddie. Estava de pé no seu cercado, no centro de adoções onde eu trabalho. Recebeu-me com um sorriso rasgado. “Que linda criança”, pensei eu.

Sua ama o pegou nos braços. E perguntou:

—A senhora seria capaz de arranjar uma família para Freddie?

Então eu vi o que era. Freddie nascera sem braços.

—Freddie é tão inteligente. Tem só 10 meses de idade e já anda e fala.

Deu-lhe um beijo e acrescentou:

—Diga “livro” para a Sr.^a Blair.

Freddie riu para mim e escondeu a cabeça no ombro da ama.

—Vamos, Freddie, não faça isso. Êle é muito dado. Freddie é um menino muito, muito bom.

Freddie me lembrava o meu próprio filho quando tinha aquela idade, os mesmos cabelos crespos, os mesmos olhos castanhos.

—Não se esqueça dêle, Sr.^a Blair. Promete-me que vai tentar?

—Não esquecerei.

Subi e tirei da bolsa a minha última lista de “Colocações Difíceis”.

Freddie é um menino de 10 meses, branco, de família protes-

tante e origem anglo-francesa. Tem olhos escuros, cabelos escuros e pele clara. Freddie nasceu sem braços, mas fora disso goza de boa saúde. Sua ama acha que êle vem revelando indícios de uma inteligência privilegiada, e êle já anda e já diz algumas palavras. Freddie é uma criança afetuosa, cordial, que foi entregue à instituição por sua mãe verdadeira, e está em condições de ser adotado.

“Êle está em condições”, pensei eu. “Mas quem estará em condições de adotá-lo?”

Eram 10 horas da manhã, uma linda manhã de fim de verão, e o centro estava cheio de casais—uns sendo entrevistados, outros trabalhando conhecimento com as crianças, famílias que se formavam. Êsses casais têm sempre o mesmo sonho: querem uma criança tão parecida com êles quanto possível, o mais nova possível, e—o que é mais importante—uma criança que não tenha problemas de saúde.

“Se houver algum problema depois que nós o adotarmos, será um risco a correr, como correm todos os pais. Mas adotar uma criança doente—isso é demais!”

E quem pode censurá-los?

Eu não era a única a procurar pais adotivos para Freddie. Todos os assistentes sociais que conheciam algum nôvo casal sentiam logo uma esperança: não seriam aquêles os pais feitos para Freddie? Mas o verão foi passando, e Freddie ainda

estava conosco na festa de seu primeiro aniversário.

—Freddie está grande, grande . . .
—disse a ama, estendendo os braços.

—Freddie está grande, grande . . .
—disse Freddie, rindo.

E foi então que eu os descobri.

A coisa começou como de costume—um registro impessoal no meu arquivo, um nôvo caso, um “Estudo Domiciliar”, duas pessoas que desejavam uma criança. Eram Frances e Edwin Pearson. Ela tinha 41 anos. Êle, 45. Ela era dona de casa. Êle, motorista de caminhão.

Fui visitá-los. Moravam numa minúscula casa de madeira, com um grande jardim cheio de sol e velhas árvores. Receberam-me junto à porta, ansiosos e terrivelmente assustados.

A Sr.^a Pearson me ofereceu café fumegante e biscoitinhos feitos em casa, ainda quentes. Sentaram-se diante de mim no sofá, de mãos dadas. Ao cabo de um instante, a Sr.^a Pearson começou:

—Hoje é dia de nosso aniversário de casamento. Dezoito anos.

—E muito felizes—disse o Sr. Pearson, olhando para a espôsa.—Só faltou . . .

—Ê verdade—disse ela.—Só faltou . . . uma coisa que sempre faz falta.

Correu os olhos pela peça imaculada.

—Está tudo arrumado demais. A senhora compreende, não é?

Lembrei-me de minha própria

sala de estar e de meus três filhos, agora adolescentes.

—Sim, compreendo.

—Talvez estejamos velhos demais. Eu sorri.

—A senhora não se acha velha. E nós também não achamos.

—Sempre se imagina que vai ser êste mês, e depois no outro—disse o Sr. Pearson.—Mesmo quando se



começa a adivinhar a verdade, não se quer aceitá-la.

A mulher acrescentou:

—Já tentamos tudo. Exames. Testes. Tudo o que se possa imaginar. Uma porção de vêzes. Nada deu resultado. Continua-se esperando, esperando, e o tempo vai passando.

—Não é a primeira vez que tentamos adotar uma criança—disse o Sr. Pearson.—Um nos disse que o nosso apartamento era pequeno demais, e foi por isso que nos mudamos para esta casa. Outro achou que eu não ganhava suficiente. Chegamos à conclusão de que era êsse o motivo, mas um amigo nos falou a respeito da sua instituição, e nós resolvemos fazer uma última tentativa.

—Ainda bem—disse eu.

A Sr.^a Pearson olhou com orgulho para o marido.

—Há alguma possibilidade de escolhermos? Um menino para meu marido?

—Vamos tentar um menino—respon-di.—Que tipo de menino?

A Sr.^a Pearson riu.

—De quantos tipos há? Qualquer menino. Meu marido gosta muito de esportes. Jogava futebol no ginásio, e basquetebol também, e participava de corridas. Êle seria ótimo para um menino.

O Sr. Pearson olhou para mim.

—Eu sei que a senhora não pode dar certeza. Mas nos poderia dar uma idéia da data? Já esperamos tanto tempo!

Eu hesitei. Fazem sempre essa pergunta.

—Talvez no próximo verão—disse a mulher.—Poderíamos levá-lo à praia.

—Tanto tempo assim?—indagou o Sr. Pearson.—A senhora não tem nenhum agora? É impossível que não haja um menino em algum lugar.

Fêz uma pausa e continuou:

—É claro que não podemos dar-lhe muito. Não temos grandes economias.

—Mas temos muito amor—disse a mulher.—Disso nós economizamos bastante.

—Nesse caso . . .—respondi, cautelosamente—há um menino. Tem 13 meses de idade.

—Ah!—exclamou a Sr.^a Pearson, chegando-se ao marido.—Uma ótima idade.

Peguei a bolsa e entreguei-lhes um retrato de Freddie.

—Tenho aqui um retrato dêle. É um garotinho maravilhoso. Mas nasceu sem braços.

Os dois examinaram o retrato em silêncio. O marido olhou para a mulher.

—Que é que você acha, Frances?

—Para chutar uma bola bastam os pés—disse a Sr.^a Pearson.—Isso você poderia ensinar-lhe.

—O esporte não é tão importante assim—disse o Sr. Pearson.—Êle pode aprender a usar a cabeça. Sem braços êle pode viver. Sem cabeça, nunca. Pode entrar para a universidade. Nós economizamos para isso.

—Um menino é um menino—insistiu a Sr.^a Pearson.—Êle precisa

brincar. Você pode ensinar-lhe alguma coisa.

—Hei de ensinar. Os braços não são tudo. E quem sabe mesmo não poderemos arranjar-lhe novos braços!

Tinham esquecido de mim. Mas talvez o Sr. Pearson tivesse razão, pensei. Quem sabe se algum dia Freddie não poderia ser dotado de braços artificiais? Tocos êle tinha, no lugar onde devia haver braços.

—Então, será que vocês gostariam de vê-lo?

A Sr.^a Pearson olhou para mim e disse:

—Se gostaríamos? Se gostaríamos?

—Nós o queremos—disse o marido.

A Sr.^a Pearson tornou a olhar o retrato:

—Você estava à nossa espera, não estava?

—O nome dêle é Freddie, mas a senhora pode mudá-lo.

—Não—disse a Sr.^a Pearson.—Frederick Pearson. É uma boa combinação.

E foi assim.

Houve formalidades, é claro; e quando afinal marcamos a data, as ruas já estavam iluminadas para o Natal e havia enfeites e árvores de Natal pelas ruas.

Fui ao encontro dos Pearson na sala de espera. Os dois estavam salpicados de neve.

—Estou nervosa—disse a Sr.^a Pearson.—E se êle não gostar de nós?

Pus a mão no seu braço:

—Vou buscá-lo.

A ama de Freddie tinha-lhe vestido uma roupa branca nova, com um galho de azevinho verde e umas framboesas vermelhas bordadas na gola. O cabelo brilhava, farto, escuro, cacheado.

—Vai para casa—disse-me Freddie, sorrindo, no momento em que a ama o pôs nos meus braços.

—Foi o que eu lhe disse—informou ela.—Disse que êle ia para a sua nova casa.

Quando o beijou, tinha os olhos úmidos.

—Adeus, querido. Seja bonzinho.

—Bonzinho—disse Freddie, alegremente.—Vai para casa.

Eu o carreguei para cima, para a

pequena sala onde os Pearson esperavam. Lá chegando, coloquei-o no chão, abri a porta e disse:

—Feliz Natal!

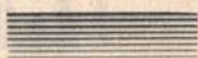
Freddie ficou parado, hesitante, oscilando um pouco, olhando fixamente para as duas pessoas que tinha diante de si.

Êles o devoravam com os olhos.

O Sr. Pearson se abaixou, apoiando-se num joelho.

—Freddie—disse êle.—Venha cá, venha com papai.

Freddie olhou para trás, olhou um instante para mim. Depois, voltou-se e caminhou lentamente para o casal; e os dois estenderam os braços e nêles aninharam Freddie.



MARIDO à espôsa: “Bem, não, não consegui o aumento . . . mas o patrão me indicou uma brecha no impôsto de renda que eu não conhecia.”

—Dick Turner, Newspaper Enterprise Assn.

ADOLESCENTE, em tom sentido, a outra: “Depois verifiquei que o anel de que êle estava falando era para o carro dêle, de motor acelerado.”

—Fred Neher, Bell-McClure Syndicate

OUVINDO a sinêta da carrocinha de sorvete, menino pequeno a outro: “Escute! Estão tocando a nossa música favorita.”

—Bil Keane, Register and Tribune Syndicate

FUNCIONÁRIO do setor de pessoal a servidor em fase de adaptação: “Ou, se preferir, você pode eliminar por completo as interrupções para café e aposentar-se três anos mais cedo.”

—Donald Reilly, em *For Laughing Out Loud*

MENINO entregando o fone à mãe: “É a Sr.^a Carter . . . com o noticiário das seis e trinta.”

—Dick Turner, Newspaper Enterprise Assn.

HOMEM com jardim florescente a um vizinho invejoso: “Na realidade não há nada demais nisso. Plantei as sementes dentro de casa, depois transplantei-as para uma estufa fria e então, após nutri-las com cuidado, joguei-as fora e comprei estas plantas numa casa de mudas.”

—Wilkinson, em *The Christian Science Monitor*